

Heróis Esquecidos: Os Médicos do Cerco da Lapa

Paulo Mangabeira ALBERNAZ

(Conferência realizada no Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas, como colaboração do Departamento Cultural da Associação dos Rotarianos de Campinas, a 10 de Outubro de 1975.)

— IV (Final) —

Este telegrama estereotipa uma época e define um homem. Este celerado General Quadros revela, neste documento, a baixeza de seus sentimentos. Domina-o, evidentemente, em oportunidade tão complexa e tão grave, a preocupação de dar fim a estes prisioneiros, particularmente aos vários médicos.

O destino aparente (como diz o General Bormann) desses presos era a Capital Federal: mas o verdadeiro era Florianópolis a antiga Desterro. Ainda aqui, Quadros revelava o que era. Além de tudo, covarde. Recusando enfrentar, ainda uma vez, a população de Curitiba, embora apavorada, queria iludi-la fazendo constar que os desventurados prisioneiros iam ser remetidos para o Rio de Janeiro.

Os presos tornaram a Curitiba uma vez que o "Mercúrio" não os pôde levar. Sete dias depois voltavam, porém, a Paranaguá, e foram levados, mesmo, a seu cruel destino: Florianópolis.

ESPIRITO PERVERSO

Por que razão esta cidade? Que o diga, em suas próprias palavras, o General Bormann, absolutamente insuspeito:

"Ali estava o Coronel Moreira César, no caráter de governador. Este oficial tinha, durante a Revolta da Esquadra, adquirido, no Rio de Janeiro, um nome que inspirava pavor, certo, profundamente convencido, de que o amor e lealdade às instituições republicanas só poderiam ter as suas manifestações externas pelo fuzilamento, pela morte do adversário.

"Portanto os assassinatos nem outro nome mereceram as execuções sem julgamento regular dos tribunais, eram o crisol dos sentimentos republicanos desse oficial.

"E assim convinha aproveitar esse homem, que era a morte viva, a bala certa, o ferro vingador e inexorável, tanto mais que, entre os presos, contavam-se médicos, como o dr. José Gomes do Amaral, muito popular no seio da sociedade curitibana, e as famílias podiam protestar, levantar clamores, se eles aqui tivessem a sorte dos cidadãos sucumbidos na serra.

"Assim, remetidos para Santa Catarina, eles seriam sacrificados sem incômodos, sem importunações que viessem perturbar a serenidade da autoridade militar".

E lá se foram eles para Florianópolis.

As palavras do General Bormann são contundentes: "Seguir preso para Florianópolis era contar-se morto; era considerar-se cadáver; e se, ali chegando, não encontrava a sepultura era esse fato um milagre, uma ressurreição!"

Pode-se, pois, sem dificuldade, ter idéia do sofrimento atroz, da angústia daqueles infelizes, quase todos, senão todos sem nenhuma culpa, até apertarem à cidade da morte.

A "ILHA MALDITA"

O pequeno navio avançava, a força das máquinas, em demanda de Florianópolis.

Lá um dia, surgiu a costa e o vapor tomou a direção da barra. Ante os olhos dos passageiros, despontou pequenina ilha toda recoberta de vegetação luxuriante, como uma imagem de luz e de beleza. A medida, porém, que a terra se tornou próxima, pode ser visto um cais de pedra e, logo acima, velha fortaleza de paredes enegrecidas pelo tempo, e grandes janelas escuras.

A construção quadrangular, lúgubre, apresentava à vista dois pavimentos, e era cercada de pesadas muralhas. Era o tipo clássico das fortalezas coloniais portuguesas, e de fato sua construção tivera início no século XVIII.

Estavam diante da negregada "Fortaleza de Santa Cruz", na ilha Anható-Mirim, a pouco mais de uma hora de Florianópolis. Era uma velha construção, com seus canhões de ferro, suas salas escuras e úmidas.

O navio continuou o curso até o porto, e os passageiros, mal chegados, foram baldeados para uma lancha, que os levou à ilha, diante da qual haviam, pouco antes, passado.

Aportavam assim, pouco depois, à "Ilha Maldita". Saltaram no cais subiram a escadaria de degraus de pedra corroidos pelo tempo e pela salsugem, e deram entrada na praça d'armas. Foram, depois, enviados, em grupos de dois, às celas, masmorras acanhadas, mal iluminadas, úmidas, onde deviam aguardar, amarguradamente — eles o sabiam! — seu triste fim.

Num dos cárceres dois médicos, sucumbidos, entregavam-se a sua desdita. Um deles não se conformava com a injustiça, a perversidade, de que era vítima. O outro, triste mas tranquilo, passava a maior parte do tempo a tocar uma flauta, que conseguira trazer de Curitiba.

Após alguns dias, receberam os prisioneiros a comunicação de que seriam fuzilados no dia seguinte, de madrugada. Então, foram horas de sofrimento atroz, de exclamações, de desespero. Na sua cela, o médico da flauta continuava a tocar, quando seu companheiro, num gesto de impaciência, solicitou-lhe que pelo amor de Deus, parasse com aquilo no que foi de pronto atendido. Ainda assim, completamente fora de si, gritava ele, a ple-nos pulmões, as maiores injúrias a Floriano e a Moreira César.

Estes fatos já há anos de meu conhecimento, seriam plenamente confirmados a mim pelo Coronel Dr. Irênio de Brito, em 1922, no Quartel General de São Paulo, por ocasião de apresentar-me a chamada das tropas da reserva, determinada pelo Ministro da Guerra de então, o Dr. Pandiá Calógeras.

Comandava a praça, como já o disse o General Bormann, o Coronel Moreira César. Seu poder era discricionário: senhor de barão e cutelo. Mas na Fortaleza de Santa Cruz, a lei era apenas o fuzilamento, enquanto na Raton Grande, perto de Anható-Mirim era o degolamento!

Os primeiros executados tinham sido quatro: o Marechal Gama d'Eça, seu filho Alfredo, o Coronel Luiz Caldeira de Andrade e o Capitão Romualdo de Carvalho Barros. Os condenados, inocentes de qualquer crime e não submetidos a qualquer espécie de julgamento, foram enviados para a tristemente célebre Fortaleza de Santa Cruz. Dias depois, na Alameda dos Cedros, eram sumariamente fuzilados. Tentou o comandante do pelotão amarrar a um arbusto o velho marechal. Ele, porém, se insurgiu: "Não é preciso amarrar-me. Vejam como morre um homem!" Desabotoando a túnica, expôs aos olhos de todos o peito com uma cicatriz de ferimento recebido na Guerra do Paraguai, e exclamou: "Atirem nesta condecoração. Assim será morta a mais alta patente do exército".

O filho, que apenas por amor filial se deixara prender e acompanhara o pai, avançou para o pobre velho abraçando-o para protegê-lo. Neste momento, o verdadeiro carrasco, que comandava os soldados, deu ordem de fogo. Os outros dois oficiais teriam minutos depois, a mesma sorte.

Estima o historiador Oswaldo Cabral em 185 o número de prisioneiros levados a Fortaleza e aí fuzilados. Veremos que nem todos o foram, embora raríssimos tivessem tido a fortuna de escapar da sanha assassina de Moreira César. Famílias houve que só vieram a ter notícia do trágico destino de seus parentes, anos e anos depois de seu misterioso desaparecimento.

Os restos mortais destes desventurados viriam a ser trasladados, em 1913, com todas as honras devidas, para o cemitério de Florianópolis.

OS MORTOS VIVOS

O General Bormann informa que o Coronel Moreira César, o sanguinário governador, recebeu "os prisioneiros perfeitamente, com admiração de todos, e, compreendendo os intuitos do chefe militar que os havia remetido, reteve-os presos sob palavra e, na primeira ocasião, com exceção do Dr. Gastão de Aragão, re-embarcou-os para o Paraná".

Acrescenta, ainda em rodapé: "Moreira César disse então que o General Quadros queria passar por bom moço, por isso enviara-lhe aqueles presos; mas ele não os fuzilaria. Que Quadros os fuzilasse, como ele fazia em Florianópolis".

Sempre bem informado, não teve, todavia, o General Bormann, conhecimento do que realmente aconteceu.

CAPRICHOS DE DEMENTE

Estava tudo preparado até as sepulturas já abertas. Cerca de duas horas antes da execução, chegou inesperada ordem: suspender os fuzilamentos!

Quem jamais poderá compreender ou explicar os gestos, as atitudes, as decisões, de um epilético? Deu-lhe na cabeça que se o General Quadros tinha prisioneiros, que achava deverem ser fuzilados, que o fizesse. Ele, Moreira César, só fuzilaria os dele. E se assim pensou, não trepidou em providenciar a devolução dos prisioneiros a Curitiba... embora após dias de indecisão.

Mas o Dr. Gastão de Aragão, cada vez mais excitado, quase fora de si, clamava violentamente contra aquela infâmia de Moreira César e de Floriano. Foi, por esse motivo, o único fuzilado, além assassinado, como o diz, com toda a razão, o General Bormann.

Os demais prisioneiros viriam, assim pouco dias depois, a ser devolvidos a Curitiba.

REDIVIVOS

Afinal, um dia, depois de mais de seis meses sem nenhuma notícia, uma pobre mãe e uma noiva, já sem consolo, recebiam, na Bahia, cartas que começavam com estas palavras: "Quem lhe escreve é um ressuscitado".

E era verdade. Fizera ele parte dos primeiros e únicos proscritos que haviam tido a fortuna de retornar com vida da Fortaleza de Santa Cruz, das mãos daquele desalmado Coronel Moreira César. O prisioneiro que, as portas da morte tocava flauta, o que aliás já fizera na Lapa, em pleno cerco, era o Tenente médico Dr. José Garcia Albernaz, que viria a ser meu pai.

HERÓIS ESQUECIDOS

Esta a história dos médicos do Cerco da Lapa, e de alguns acontecimentos, alheios as suas vontades em que se viram envolvidos, e cujos nomes ninguém se preocupa em mencionar. Em verdade, para o médico, em sejam quais forem as contingências, dever não é heroísmo, ainda quando, em determinadas conjunturas, tenha ele de ser herói para poder cumprir-lo.

Foi o que ocorreu na Lapa, no decurso daqueles tenebrosos e amargurados dias em que esteve ela sitiada. E, pelo menos, para um daqueles médicos, mesmo depois do cerco, quando, pelo fato de obedecer a seu juramento, veio a sofrer, ao lado de outros colegas de Curitiba, a mais revoltante e injusta perseguição.

Tudo isso no entanto, para o médico não passa de contingências pertinentes ao seu sacerdócio. Este tem que ser, para todo o sempre, envolto em sacrifício, dedicação, desprendimento e até denodo.

Além desse espírito de sacrifício, o partidário-ismo vesgo de certas autoridades transbordantes de prepotência, obrigou esses facultativos a passar pelas maiores vicissitudes incluindo sofrimentos morais atroz, o que os levou até a iminência de perderem a vida.

Foram eles por conseguinte, verdadeiros e legítimos heróis, não só pelo trabalho insano e pelo risco de vida durante o sitio, como por aquela perseguição soez e absurda que lhes foi movida. Alguns, ainda, foram injustiçados. Nada, porém, lhes pode tirar o título de genuínos heróis. Merecem eles, por tudo isso a mais viva e profunda admiração de todos os brasileiros.

BIBLIOGRAFIA

1. Bormann, General J.B.: *Dias Fraticidas* — 3 vols. Livr. Econômica. Curitiba, 1901.
2. Ferreira, João Cândido: *Gomes Carneiro e o Cerco da Lapa*. Plácido A. Silva Comp. Ltda. Curitiba, 1928.
3. Calmon, P.: *Gomes Carneiro, O General da República*. Edit. Guanabara, Rio 1933.
4. Carneiro, David: *O Cerco da Lapa e seus Heróis*. Ravaro Rio, S.D. (1934).
5. Carneiro, David: *Os fuzilamentos de 1894 no Paraná*. Atena Edit. Rio 1937.
6. Carneiro, David: *O Paraná e a Revolução Federalista*. Atena Edit. Rio, S.D. (1944).
7. Tourinho, General Mário: *Memória do Cerco da Lapa. Expedição Argolo. Anais do Primeiro Congresso de História da Revolução de 1894*, pgs. 139 — 175. Empresa Graf. Paranaense Ltda. Curitiba, 1944.
8. Carneiro David: *Vida do General Gomes Carneiro. Anais do Primeiro Congresso de História da Revolução de 1894*, pgs. 349-439 — Empresa Graf. Paranaense Ltda. Curitiba, 1944.
9. Carneiro David: *Rastros de Sangue*. Papel. Max Roesher Ltda. Curitiba, 1969.
10. Wolff, Felipe Maria: *"Diário da Campanha 1893-1894. Tradução do alemão pelo Dr. Godofredo Luce. Jaraguá do Sul, 1943.*
11. Jobim, Mário Rubens: *Vento Leste nos Campos Gerais. A Defesa da Lapa*. Biblioteca do Exército. Editora — Rio, 1952.
12. Ramalho, Hamilton: *Um bravo esquecido. Anais do Primeiro Congresso de História da Revolução de 1894*, pags. 322 — 344. Empresa Gráfica Paranaense Ltda. Curitiba, 1944.
13. Caldeira, Almiro: *Ao Encontro da Manhã*. Editora Leitura S.A., Rio, s.d.
14. Cabral, Osvaldo R.: *Carta ao A.*
15. Ferreira, Prof. Celso: *Carta ao A.*
16. Cabral, Osvaldo R.: *História de Santa Catarina. 2ª edição*. Editora Laudes — Rio, 1970.

Jornais de Curitiba, 1894 "A Federação" (revolucionário) e "A República" (governista). Faltam nas coleções da Biblioteca Pública de Curitiba, os exemplares dos meses de março e abril